

# Terena pilota Memorial Indígena

MARCOS BRANDÃO

Rosane Garcia

Brasília, Nova York e Genebra serão as três únicas cidades do mundo a comemorar, amanhã, o Dia Internacional dos Povos Indígenas, instituído pelas Organizações das Nações Unidas, em 1993, depois de reconhecer que 370 milhões de indígenas estão espalhados por cerca de 70 países, sem que governos assegurem seus direitos. Na cidade, o momento será especial para o piloto de aeronave Marcos Terena, da etnia Terena, nascido no pantanal matogrossense, que será empossado na Gerência do Memorial dos Povos Indígenas pelo governador José Roberto Arruda.

O Memorial, projetado por Oscar Niemeyer e construído em 1987, até hoje é apenas um prédio para abrigar parte do legado do antropólogo Darcy Ribeiro, um dos fundadores da Universidade de Brasília. O convite para Marcos Terena comandar o Memorial partiu do secretário de Cultura, Silvestre Gorgulho.

Marcos Terena se sentiu privilegiado e, ao mesmo tempo, desafiado a transformar o Memorial construído em homenagem aos 220 povos existentes no Brasil, o que torna o país o único a ter tamanha diversidade étnica.

O piloto de aeronave, que já travou sérios embates políticos em defesa dos povos indígenas, promete dar mais transparência e visibilidade à produção cultural e artística das comunidades, sem deixar de lado as questões políticas que afetam os mais de 500 mil índios que vivem em aldeias. Mas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há outros 400 mil fora das comunidades, em centros urbanos.

— Esses 400 mil são indivíduos que se identificam afirmativamente como indígenas — explica Marcos Terena, que pretende tornar o Memorial um espaço de interculturalidade e de estímulo ao intercâmbio cultural, filosófico e políticos dos povos indígenas com a sociedade envolvente.

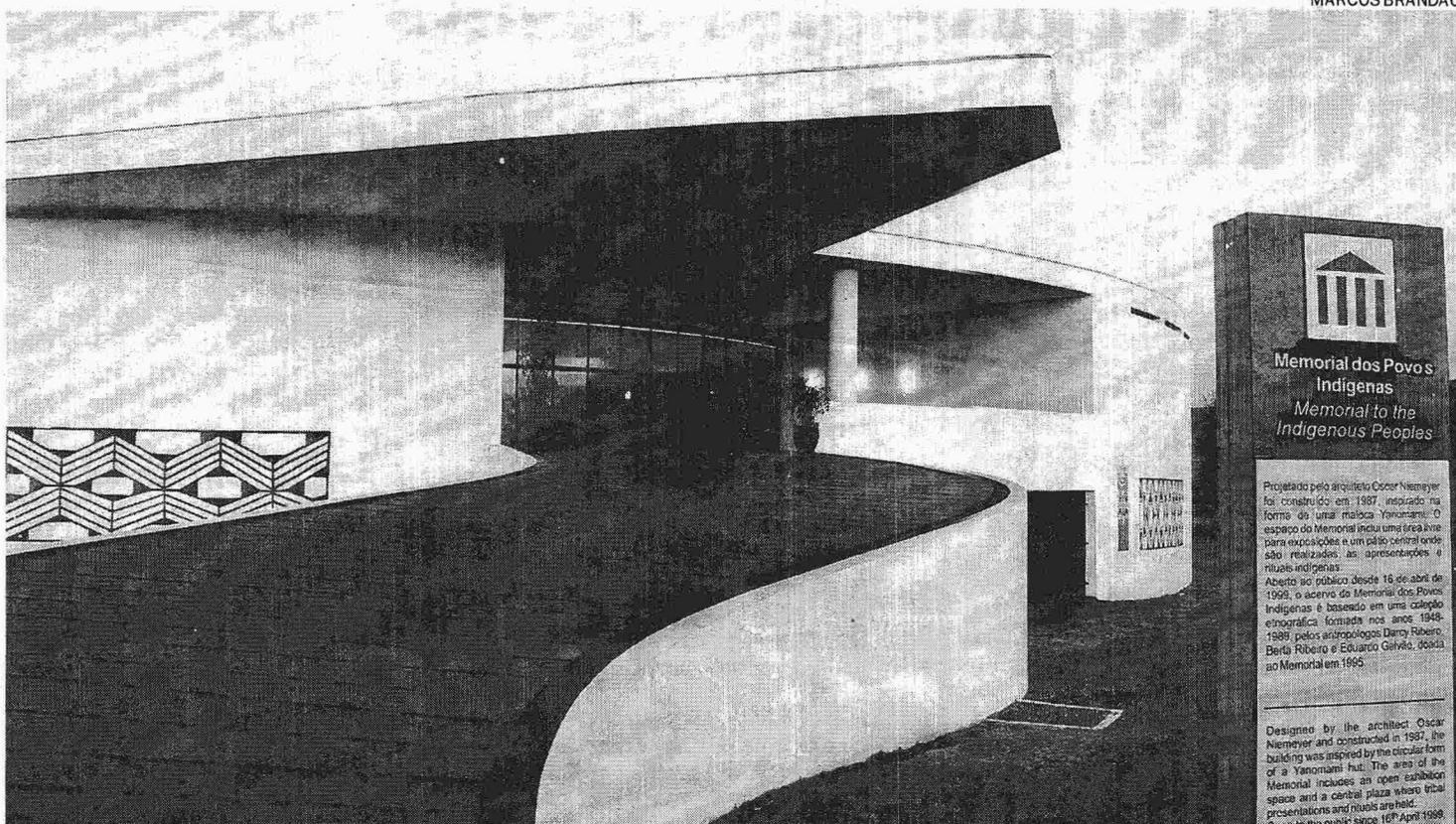
A constatação do IBGE remete à necessidade de ampliar o debate sobre quem é o índio urbano. Em Brasília, estima-se que há 7 mil índios vivendo na cidade. O tema também está no rol de preocupações do Banco Mundial, que já promoveu discussões sobre a migração de indígenas para os centros urbanos, e foi inserido na pauta de debates que Marcos Terena pretende levar para o Memorial.

Essa migração, no entanto, não implica perda dos referenciais de origem do indígena, mesmo quando ele se integra a um reduzido grupo de intelectuais — indivíduos que passaram por todas as fases de aprendizagem da sociedade envolvente e chegou ao mestrado e doutorado nos diferentes ramos do conhecimento.

## Secretário aposta em mais respeito aos povos tradicionais

O secretário de Cultura, Silvestre Gorgulho, disse ontem que Marcos Terena é um dos líderes indígenas mais importantes do país na conexão entre índios e brancos. Entusiasmado com a posse de Terena, Silvestre afirmou que a história de vida do amigo, que foi obrigado a se passar por japonês para chegar à escola de aviação, em Natal, é um dos mais belos exemplos que conheceu de determinação, coragem e capacidade de superação.

Silvestre aposta que, com Marcos Terena à frente do Memorial, será possível despertar nas pessoas um respeito maior



Memorial dos Povos Indígenas, construído em 1987, hoje, serve apenas para guardar parte do acervo do antropólogo Darcy Ribeiro

Marcos se soma a mais de 70 outros líderes indígenas para os quais a política indígena brasileira caducou no tempo e no espaço, sobretudo no momento em que a maioria das nações admite a escassez de recursos naturais, principalmente a água, e percebe que as mudanças climáticas afetam a todos indistintamente.

— Teremos de discutir o sistema econômico dos povos indígenas dentro de um modelo globalizado. E a crise ambiental, que afeta todo o planeta, é um canal para que os povos possam se manifestar levando em conta o seu conhecimento tradicional — diz Marcos Terena, que antecipa a intenção de promover no Memorial um

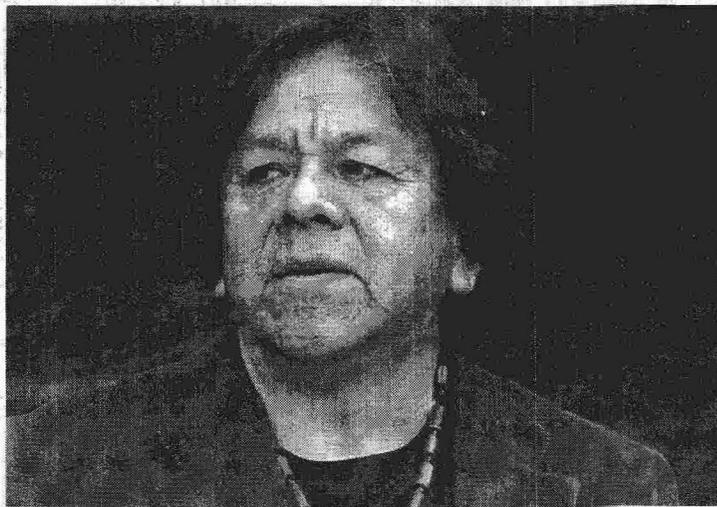
## De acordo com o IBGE, cerca de 400 mil indígenas vivem fora das aldeias. No DF, são cerca de 7 mil

amplo debate sobre qualidade de vida, levando em conta que os grupos indígenas não são vistos como sócios desse processo de desenvolvimento.

De acordo com ele, o povo indígena é soberano e não pode ser tratado como um coitadinho. No entanto, as nações indígenas foram excluídas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), hoje carro-chefe do governo federal. Ou seja, são povos invisíveis diante de um programa de governo que trata de grandes obras, como hidrelétricas ou expansão de fronteiras agrícolas para aumento da produção de bio-

pela cultura indígena.

Em abril deste ano, por ocasião do Dia do Índio, o secretário, que também é jornalista, escreveu um artigo no jornal *Folha do Meio Ambiente* sobre um episódio ocorrido com Marcos Terena, que envolveu o colunista do *Jornal do Brasil*, Zózimo Barroso do Amaral. Em 1990, o colunista publicou uma nota informando que Marcos Terena teria sido demitido do cargo de piloto da Funai. Em resposta, o líder indígena fez uma carta em que revelava toda a dificuldade imposta a um índio mesmo com formação profissional e com domínio dos códigos da sociedade branca.



Marcos Terena: mais transparência à produção cultural indígena

combustível, entre outras que impactarão na vida das comunidades tradicionais.

Marcos Terena critica a atual política indigenista do governo federal, hoje dispersa por vários ministérios e que preserva uma visão equivocada ao delegar a alguns órgãos o papel de *grande pai* dos povos indígenas. Garante que as comunidades demandam iniciativas concretas, em vez de repetidos debates sobre suas históricas reivindicações e necessidades. Exigem que os recursos sejam aplicados em ações voltadas à educação, saúde e no cumprimento da determinação constitucional de demarcação das terras que ocupam.

De acordo com o novo dirigente do Memorial, as demarcações estão paradas e as poucas ações governamentais estão direcionadas às áreas em conflito com as cidades, grandes fazendas e zonas de monocultura. Distantes, em

grande parte, das reais reclamações dos povos indígenas.

— A política indigenista restringiu-se à criação de uma comissão nacional dos povos indígenas, coordenada pelo presidente da Fundação Nacional do Índio. O que seria uma instância de fiscalização da Funai é ligada à própria fundação e comandada pelo seu presidente — critica Terena, ao lembrar que no universo das comunidades indígenas há indivíduos com formação e capacidade de propor e defender políticas públicas condizentes com as demandas dos povos indígenas em qualquer fórum dentro e fora do país, como já vem ocorrendo.

Aos 52 anos, dos quais 30 em Brasília, Marcos Terena é o quarto indígena na atualidade a ocupar um cargo público. Na condição de secretários de Estado estão Daniel Ashaninka, no Acre, Adriano Macuxi, em Roraima, e Ailton Krenak, em Minas Gerais.

Embora habilitado para ser piloto de aeronave, Marcos fora impedido de exercer a profissão. A legislação considerava o índio um indivíduo incapaz, que deveria ser tutelado pelo Estado brasileiro. Foi preciso recorrer ao Ministério da Aeronáutica e obter um parecer de reconhecimento do seu tutor que, mesmo sendo índio, estava apto para as atividades aéreas, e me tornei, com orgulho, o primeiro comandante indígena”, diz um trecho do documento.

Na mesma carta, Marcos denunciava os desmandos na gestão da Funai, quando as aeronaves do órgão eram usadas para passeios de políticos e de dirigentes, em rotas contrárias aos interesses das comunidades indígenas. Hoje, aos 52 anos de idade, Marcos Terena é reconhecido por ter idealizado e organizado a Conferência Mundial dos Povos Indígenas, evento paralelo à Conferência Mundial para o Meio Ambiente, a Rio/92, quando foram escritas a Carta da Terra e a Declaração da Kari-Oca. Além disso, integra o Comitê Intertribal da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, a Coalizão Internacional Land is Life e a Catédra Indígena Internacional. (R.G.)

## Seminário marcará festa da posse

A posse de Marcos Terena não ficará restrita às cerimônias comuns, recheadas de discursos de boas-vindas das autoridades ou de votos de sucesso dos amigos e colaboradores. A gestão começa com o debate *Diálogos Indígenas*, que, durante dois dias — hoje e amanhã — reunirá no auditório do Memorial representantes da Universidade de Brasília, da Funai, do governo do Distrito Federal e líderes indígenas. *Os direitos humanos e a afirmação da identidade inter-étnica* será tema do primeiro debate com a participação da professora Alejandra Pascual, da Faculdade de Direito da UnB, e do assessor de Diversidade e Apoio aos Cotistas da UnB, Jaques Jesus, com Terena como articulador dos Direitos Indígenas.

Em seguida, será aberta a Exposição *Intercultural - Os jogos dos povos indígenas, manifestação de resistência e afirmação indígena*, coordenada pelo líder Carlos Terena, idealizador e organizador dos Jogos dos Povos Indígenas. As atividades da quinta-feira terminam com uma cerimônia indígena, sob a coordenação do líder Santxie Tapuia, professor bilíngüe e bicultural indígena.

Amanhã, *Diálogos Indígenas* serão retomados, às 15h, com uma palestra da socióloga Azelema Kaingáng, coordenadora geral dos Direitos Indígenas da Funai, sobre o tema *Os direitos indígenas no Direito Internacional - Conquististas e avanços na ONU e OEA*. O tema Os direitos indígenas no direito interno serão abordados pelo advogado Wilson Matos Guarani, presidente da Comissão dos Direitos Indígenas da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional do Mato Grosso do Sul.

A escritora Miriam Terena lançará o livro *Natyseño - Histórias de lutas e resistência de mulheres indígenas no Brasil*.

A programação de debates termina com a posse de Marcos Terena na Gerência do Memorial, com a presença do governador José Roberto Arruda. Depois da cerimônia, haverá uma celebração cultural, coordenada por Santxie Tapuia, cantora indígena, com Aureni Fulni-ô, compositora, poetiza e cantora. (R.G.)